

Análise da dinâmica e especialização das atividades criativas nas capitais brasileiras e cidades criativas da Unesco

Analysis of the dynamics and specialization of creative activities in Brazilian capitals and Unesco creative cities

Jonas da Silva Henrique¹ 

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir o crescimento das atividades criativas, que fazem interface com o turismo, nas 27 capitais brasileiras e nas cidades criativas reconhecidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura de Santos (SP) e Paraty (RJ). Para tanto, realizou-se uma aplicação estatística com dados da Relação Anual de Informações Sociais de 2011 a 2020. Para comparar as potencialidades locais em diferentes períodos, optou-se pelo uso do quociente locacional, *shift-share* e seu desdobramento Esteban-Marquillas. Os resultados encontrados ilustram que, a partir de 2017, as taxas de encolhimento das atividades criativas foram superiores ao encolhimento das atividades convencionais. O quociente locacional elucida que não houve mudanças estruturais abruptas em termos de concentração espacial das atividades criativas, o *shift-share* enfatiza o agravamento do encolhimento da economia criativa, coincidindo com os períodos das crises econômicas/institucionais e de distanciamento social derivado da covid-19.

Palavras-chave: Economia criativa. *Shift-share*. Cidades criativas.

ABSTRACT

The main objective of this study is to discuss the growth of creative activities, which interface with tourism, in the 27 Brazilian capitals and in the creative cities recognized by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization of Santos (state of São Paulo) and Paraty (state of Rio de Janeiro), in Brazil. To this end, a statistical application was carried out with data from the Annual Social Information Report from 2011 to 2020. To compare local potentialities in different periods, the location quotient, shift-share, and its Esteban-Marquillas formulation were used. The results illustrate that, as of 2017, the shrinkage rates of creative activities were higher than the shrinkage rates of conventional activities. The location quotient elucidates that there were no abrupt structural changes in terms of spatial concentration of creative activities; the shift-share emphasizes the worsening of the shrinkage of the creative economy, coinciding with the periods of economic/institutional crises and social distancing due to the COVID-19 pandemic.

Keywords: Creative economy. *Shift-share*. Creative cities.

¹Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – Belo Horizonte (MG), Brasil. E-mail: jhenriquebass@gmail.com; jshenrique@cedeplar.ufmg.br
Recebido em: 06/10/2022. Aceito em: 21/03/2023

INTRODUÇÃO

Este estudo surge da necessidade de compreender e monitorar o andamento das atividades criativas que fazem interface com o turismo sob dois recortes temporais: de 2011 até 2015, período em que se estabelece a Secretaria da Economia Criativa com o Ministério da Cultura (MINC), definindo políticas públicas, diretrizes, ações e objetivos para a economia criativa; e de 2016 a 2020, período que se inicia com uma grave crise institucional, seguido por redirecionamentos das políticas públicas efetivas para a cultura e atividades criativas, crise econômica, extinção do MINC em 2019 e, em 2020, a crise sanitária derivada da covid-19.

Iniciamos esta investigação identificando os territórios em potencial para análise com maior nível de homogeneidade e passíveis de desagregação no Brasil. Passamos, então, a observar as capitais brasileiras que integram a Rede Mundial de Cidades Criativas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Florianópolis (SC), João Pessoa (PB) e Salvador (BA), e as cidades de Paraty (RJ) e Santos (SP), que não são capitais, mas também são chanceladas pela Unesco como criativas. Ao identificar que a maior parte das localidades que formam *clusters* criativos se estabelecem em territórios com maiores níveis de urbanização e densidade demográfica (GOLGHER, 2008; MACHADO; SIMÕES; DINIZ, 2013; MELO; PAIVA, 2016), decidimos abranger todas as capitais brasileiras e cidades criativas como macrorregião de referência, compondo, ao todo, 29 cidades.

Tendo delimitada a região de análise, algumas investigações encaminharam-se com a finalidade de identificar as transformações ocorridas nas atividades criativas em seus determinados territórios de 2011 a 2015 e de 2016 a 2020. Esses períodos, embora recentes, apresentam conjunturas econômicas, institucionais, políticas e sanitárias distintas, o que nos induz a averiguar, comparar e lançar luz para alternativas que são chave para a economia criativa.

Busca-se, portanto, distinguir entre fatores internos e externos que explicam o andamento das atividades criativas a partir de sua estrutura produtiva, baseando-se no método *shift-share*, o qual compara crescimento (aquele efetivamente observado) e homotético (aquele que a unidade observada obteria se evoluísse conforme todas as unidades da análise), destacando se o dinamismo local ocorre por um fator estrutural (por motivos exógenos à localidade) ou diferencial (por motivos endógenos à localidade). Para colaborar no reconhecimento das variações da economia criativa, o quociente locacional (QL) auxilia na distinção do nível de especialização (concentração) dos agrupamentos criativos analisados.

Para corroborar todo o propósito desta investigação, este artigo está dividido em cinco partes. Além desta introdução, tem-se, a seguir, a revisão da literatura que direciona as diretrizes da construção deste trabalho; a descrição metodológica, que detalha os critérios adotados para as aplicações estatísticas; e apresentação dos resultados e; por fim, as considerações finais.

A ECONOMIA CRIATIVA EM CENTROS URBANOS

Uma das características citadas pela literatura especializada em economia criativa é que os ditos *clusters*, ou concentrações criativas, tendem a se concentrar em centros urbanos. As atividades que envolvem audiovisual, artes cênicas e performáticas, *design*, gastronomia, moda e música convergem no espaço urbano de grandes aglomerações, usufruindo do benefício da proximidade com as principais interações econômicas regionais, socioculturais e das amenidades urbanas localmente estabelecidas.

A incidência de condições adequadas para a realização das atividades criativas e culturais dinamiza a economia local, melhora a sua imagem e apresentação, podendo colaborar com as atividades turísticas e novos empreendimentos. Além desses efeitos, as estruturas que comportam a realização de atividades criativas colaboram para os processos de desenvolvimento, incluindo o respeito à diversidade e a inclusão das populações locais (PERLOFF, 1979; CWI, 1980; BILLE; SCHULZE, 2006).

Quando ocorrem concentrações das variedades relacionadas ao campo cultural e criativo, torna-se eminente o potencial de transbordamento do conhecimento entre os atores, gerando um ambiente propício para novas organizações e inovações que transpassam as atividades criativas, chegando às atividades manufatureiras e de serviços. Esses movimentos foram denominados por Lazzeretti, Boix e Capone (2013) como “fertilização cruzada”. Assim, uma região com uma economia diversificada estaria apta para desenvolver novas atividades, ampliando as suas alternativas para a aceleração do crescimento e, conseqüentemente, o desenvolvimento econômico.

A concentração de atividades relacionadas à arte e à cultura pode ser um ativo protagonista nos desenvolvimentos regional e urbano, desde que esteja organizada e ordenada por políticas públicas que visem complementar as diversas áreas da economia criativa. No curto prazo, há o aumento da demanda geral de bens e serviços com as características locais, o que estimula o desenvolvimento no longo prazo — estimula inclusive o desenvolvimento industrial com aptidões para a inovação (BILLE; SCHULZE, 2006).

O reconhecimento das atividades culturais e criativas promove, entre outros pontos, a valorização das tradições locais, enaltecendo a identidade da comunidade e o respeito à diversidade e colaborando com a vitalidade dos valores intangíveis locais. Todo esse processo de transição passa pelo reconhecimento de gestores públicos, empresários e instituições da comunidade de que a cultura, o entretenimento e as amenidades urbanas são fatores importantes para que as pessoas escolham o seu destino como moradia definitiva ou como local de turismo. Grandes centros mundiais, como Londres, Nova York e Chicago, têm como uma das suas principais fontes de geração de riqueza, emprego e distribuição de renda a exploração dos atributos derivados da economia criativa (CWI, 1980; BILLE; SCHULZE, 2006).

O acompanhamento e o monitoramento das atividades criativas nos centros urbanos fazem com que os atores passem a considerar políticas econômicas, urbanas e sociais com o foco na revitalização de áreas em regiões centrais e também nas periferias da cidade. Esse tipo de política desenvolveu-se na Europa, a partir de 1980, quando a principal estratégia era o planejamento com base na estrutura

da produção cultural e criativa como alternativa de desenvolvimento econômico (MARKUSEN; GADWA, 2010).

A partir das novas demandas, emerge, nos centros urbanos com concentração e especialização em atividades criativas, o turismo criativo. Essa modalidade econômica visa gerar experiência para os turistas desde a interação e o aprendizado do que é próprio da região até o consumo da produção local (RICHARDS, 2011).

Os territórios com especialização criativa tendem a alavancar o turismo derivado das atividades criativas ali contidas, dado que seus fundamentos são baseados no intangível local, ou seja, no conhecimento, nas expressões e habilidades na produção de bens e serviços culturais que geram interesses para indivíduos exógenos à cultura local. As novas interações, derivadas do turismo, geram excedentes econômicos para a comunidade local e novas experiências e acúmulo de conhecimento para os turistas (ASHTON, 2013).

Em relação aos estudos aplicados no Brasil, Golgher (2008) inicia a sua investigação observando a distribuição espacial de trabalhadores com alta qualificação e sua ocupação em atividades criativas no Brasil. Em seus achados, o autor descreve uma evidente heterogeneidade entre os estados, destacando que a menor concentração ocorre nos do Norte e Nordeste do Brasil.

Posteriormente, Golgher (2011),¹ ao construir um índice de entretenimento como *proxy* de uma localidade que exerce forças centrípetas na atração de pessoas qualificadas, criativas e produtivas, retrata que as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, de Salvador, da Baixada Santista, de Natal e de Fortaleza auferiram os principais resultados. Ainda nessa análise, o autor destaca a existência de um efeito de transbordamento entre os municípios vizinhos, derivados da dinâmica dos movimentos pendulares dos residentes do entorno das regiões centrais.

Machado *et al.* (2013)² associam o desenvolvimento de *clusters* criativos nos municípios brasileiros com as amenidades urbanas. Em seus achados, os autores consideram a relação entre as grandes concentrações de recursos criativos, assim como as indústrias criativas, lugares criativos e indivíduos que atuam em ocupações criativas, as “economias de aglomeração”. Ou seja, os grandes centros urbanos, nos quais existem maiores níveis de urbanização e infraestrutura, universidades e centros culturais se beneficiam dessas amenidades e também das interações existentes no local, incorporando valor e inovações aos produtos culturais, além de receberem a validação das tradições locais.

Ao verificar a distribuição espacial da indústria do lazer nos municípios do Brasil, correlacionando-os com o nível de desenvolvimento, Ribeiro *et al.* (2014) encontraram, em São Paulo e no Rio de Janeiro, os maiores níveis de especialização e concentração.

1 Golgher (2008; 2011) utilizou a proporção de trabalhadores no setor criativo, adaptando dados do Censo Demográfico de 2000, conforme Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), para distinguir as ocupações criativas. Essa abordagem é semelhante à usada por Florida (2005).

2 Os autores consideram ocupações culturais/criativas *diretas* e *indiretas*, conforme preconiza a COD 2010.

Ao averiguar as características dos municípios das regiões metropolitanas brasileiras sob a perspectiva das atividades artísticas e culturais, Ribeiro e Lopes (2015)³ identificaram pontuais padrões estruturais, características competitivas, especialização e dinamismo. Ao considerar todos os 5.454 municípios brasileiros, os seus resultados destacam somente 2% dos municípios com relevância em atividades artísticas e culturais, além de constatar que estes estão localizados em grandes centros urbanos.

Melo e Paiva (2016)⁴ avançam na investigação sobre *clusters* criativos em municípios médios brasileiros, buscando isolar o efeito escala dos grandes centros, contribuindo para o entendimento do desenvolvimento das atividades criativas nas cidades periféricas. Em seus resultados, constatam que as cidades que se destacaram como *clusters* criativos se concentram nas regiões Sul e Sudeste e no litoral do Nordeste brasileiro, mas com padrões distintos de localização.

Em nível nacional, as políticas públicas direcionadas à economia criativa foram institucionalizadas e impulsionadas a partir da criação da Secretaria da Economia Criativa (adjunta ao MINC) no ano de 2011. Seus objetivos englobam a ampliação das transversalidades das políticas públicas, incorporadas ao governo e à sociedade para diminuir as desigualdades socioeconômicas regionais e promover a difusão das atividades criativas em todo o território nacional, principalmente em regiões de desenvolvimento tardio (MINC, 2011).

Em vista dos estudos realizados com o intuito de mapear e avaliar a concentração/dispersão das atividades culturais e criativas no Brasil, a presente investigação pretende utilizar como referência as atividades relacionadas com a economia criativa e averiguar, dentre outras coisas, o crescimento e a especialização local das atividades criativas nas 27 capitais brasileiras e cidades criativas reconhecidas pela Unesco de Santos (SP) e Paraty (RJ). O período escolhido visa identificar o panorama da economia criativa a partir do Plano da Secretaria da Economia Criativa estabelecido em 2011 e também decompor os resultados para cada cidade observada, possibilitando a comparação com o período de crise econômica, institucional e da pandemia derivada da covid-19, demonstrando quais são as alternativas para a retomada do crescimento da economia criativa a partir das potencialidades observadas no período anterior.

Economia criativa: delimitação do campo de investigação

Apesar da diversidade de estudos disponíveis sobre a economia criativa, não há um consenso sobre a delimitação das atividades que a circundam. Contudo, na literatura especializada, verifica-se que o terreno de atuação é formado por diferentes atividades baseadas no capital intelectual, na criatividade e no potencial de inovação.

3 Neste estudo, os autores consideram serviços culturais/criativos, passando pelo audiovisual, ensino de arte e cultura, edição de livros, gestão de espaços culturais, bibliotecas, museus, atividades de restauração e organizações associativas ligadas à cultura.

4 Nesta investigação, os autores consideram ocupados ligados ao setor cultural ou às atividades criativas, conforme a classificação de Machado, Simões e Diniz (2013).

Conforme destaca a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD, 2008), há a recomendação de flexibilização e adaptação do conceito de economia criativa, bem como das atividades envolvidas, para o desenvolvimento em diferentes perspectivas.

Com base nos estudos e monitoramentos da Agência de Desenvolvimento da Indústria Criativa de Minas Gerais – Observatório P7 Criativo (2018) e do Observatório do Turismo de Belo Horizonte (2019), esta investigação tem o interesse de acompanhar as atividades criativas que fazem interface com o turismo, sob três grandes grupos:

1. Criações funcionais

Arquitetura e design: lapidação de gemas e fabricação de artefatos de ourivesaria e joalheria; fabricação de bijuterias e artefatos semelhantes; desenvolvimento de programas de computador sob encomenda; serviços de arquitetura.

Moda: confecção de peças do vestuário (em linha e sob medida); bijuterias e artefatos relacionados; aluguel de vestuário e acessórios; fabricação de artefatos de couro e outras atividades relacionadas.

Publicidade: atividades de consultoria em publicidade; pesquisa de mercado; agenciamento de espaços; propaganda e publicidade.

2. Cultura

Artes performáticas: artes cênicas, espetáculos e atividades complementares; gestão de espaços para artes cênicas, espetáculos e outras atividades artísticas; atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte; ensino de arte e cultura.

Artes visuais: atividades fotográficas e similares; criação artística.

Patrimônio: atividades de bibliotecas e arquivos; atividades de museus e de exploração, restauração artística e conservação de lugares e prédios históricos e atrações similares; atividades de jardins botânicos, zoológicos, parques nacionais, reservas ecológicas e áreas de proteção ambiental.

Gastronomia: restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas; serviços ambulantes de alimentação; serviços de *catering*, bufê e outros serviços de comida preparada; fabricação de conservas de frutas; fabricação de conservas de legumes e outros vegetais; fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes; preparação do leite; fabricação de laticínios; fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis; fabricação de produtos de panificação; fabricação de biscoitos e bolachas; fabricação de produtos derivados do cacau e de chocolates; fabricação de massas alimentícias; fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos.

3. Mídia

Audiovisual: atividades de produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão; atividades de pós-produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão; distribuição cinematográfica, de vídeo e de programas de televisão; atividades de exibição cinematográfica; atividades de televisão aberta; programadoras e atividades relacionadas à televisão por assinatura; aluguel de fitas de vídeo, DVDs e similares; clubes de cinema.

Edição e editorial: edição de livros; edição de jornais; edição de revistas; edição de cadastros, listas e de outros produtos gráficos; edição integrada à impressão

de livros; edição integrada à impressão de jornais; edição integrada à impressão de revistas; edição integrada à impressão de cadastros, listas e de outros produtos gráficos; agências de notícias.

Música: fabricação de instrumentos musicais; atividades de gravação de som e de edição de música; atividades de rádio.

A partir das atividades listadas e classificadas, segundo cada agrupamento, consta, na seção METODOLOGIA, os códigos da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) para reconhecimento e replicação dos experimentos realizados nesta investigação.

METODOLOGIA

Para acompanhar o movimento do crescimento da economia criativa de uma região a partir da sua estrutura produtiva, foi escolhido o método *shift-share*, também conhecido como estrutural-diferencial. Essa técnica permite distinguir se o crescimento de uma determinada localidade é em função da sua estrutura produtiva (pelo dinamismo dos agrupamentos observados) ou pela participação no crescimento geral das atividades relacionadas com o campo da economia criativa em toda a macrorregião de referência (HADDAD, 1989).

Com a aplicação do *shift-share*, tem-se a possibilidade de indicar se o crescimento de uma determinada região é em função destes dois fatores:

1. estrutura produtiva composta, principalmente, de setores mais dinâmicos que os demais observados;
2. participação crescente na distribuição regional da capacidade produtiva (postos de trabalho).

Deste modo, o crescimento de uma região é decomposto por uma variação estrutural e uma variação diferencial (HADDAD, 1989). A formalização matemática do método *shift-share* é definida da seguinte maneira:

$$E_{ij}^1 - E_{ij}^0 = \Delta E_{ij} = \Delta E_{ij}(r_{in} - r_n) + E_{ij}(r_{ij} - r_{in}) \quad (1)$$

Onde:

E_{ij} =total de postos de trabalho do agrupamento i na região j ;

r_{ij} =mudança percentual no emprego do agrupamento observado i na região j ;

r_{in} =mudança percentual no emprego do setor em toda a macrorregião de referência;

1=ano final de investigação;

0=ano inicial de investigação.

Dentre os termos apresentados, tem-se as seguintes correspondências para os efeitos possíveis de serem identificados:

Efeito macrorregional ou total

$$EM_{ij} = E_{ij}r_n \quad (2)$$

Efeito estrutural

$$EE_{ij} = E_{ij}(r_{in} - r_n) \quad (3)$$

Efeito regional

$$ER_{ij} = E_{ij}(r_{ij} - r_{in}) \quad (4)$$

Esteban-Marquillas (1972) apresenta o desdobramento do método *shift-share*, incorporando a extração das informações sobre o efeito de alocação e competitividade e possibilitando a análise sob dois períodos, inicial e final. Deste modo, podem-se captar os efeitos ocorridos nos períodos escolhidos pelo investigador a partir dos componentes: variação regional (R), variação estrutural (E), variação diferencial (D), efeito competitivo (C) e efeito alocação (A). Sua formalização é descrita a seguir:

$$\underbrace{\sum_i E_{ij}^1 - \sum_i E_{ij}^0}_{VT} = \underbrace{\sum_i E_{ij}^0 (r_{it} - 1)}_R + \underbrace{\sum_i E_{ij}^0 (r_{it} - r_{tt})}_E + \underbrace{\sum_i E_{ij}^0 (r_{ij} - r_{it})}_C + \underbrace{\sum_i [(E_{ij}^0 - E_{ij}^0)(r_{ij} + r_{ii})]}_A \quad (5)$$

Como está exposto na equação (1), VT é a representação total do emprego nos agrupamentos da economia criativa entre os períodos final e inicial na região *j*. Portanto, a variação líquida total (VLT) é representada por:

$$TNC = TC - R = E + C + A \quad (6)$$

Na formalização da equação (2), tem-se, em *R*, a representação da variação do emprego caso a região *j* obtivesse uma taxa de crescimento das atividades relacionadas com o campo da economia criativa em todas as regiões, em que:

$r_{tt} = (\sum_i \sum_j E_{ij}^1) / \sum_i \sum_j E_{ij}^0$ é a representação do emprego das atividades criativas em todas as regiões;

$r_{it} = \sum_j E_{ij}^1 / \sum_j E_{ij}^0$ representa a taxa de crescimento do emprego nas atividades criativas no agrupamento *i* em toda a macrorregião de referência;

$r_{ij} = E_{ij}^1 / E_{ij}^0$ traduz-se como a taxa de crescimento do emprego no agrupamento *i* da região *j*;

$E'_{ij} = \sum_i E_{ij} (\sum_{ij} E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij})$ configura-se como emprego homotético no agrupamento *i*, caso a região *j* tivesse a mesma estrutura de emprego da macrorregião de referência.

Baseada nas informações encontradas no efeito alocação, a proposta de Esteban-Marquillas (1972) destaca possíveis categorizações, conforme está descrito na Tabela 1.

Tabela 1. Efeito alocação – Esteban-Marquillas (1972).

Categorizações	Efeito alocação	Componentes	
		Especialização ($E_{ij}^1 - E_{ij}^0$)	Vantagem Competitiva ($r_{ij} - r_{it}$)
Vantagem competitiva especializada	positivo	+	+
Vantagem competitiva não especializada	negativo	-	+
Desvantagem competitiva não especializada	positivo	-	-
Desvantagem competitiva especializada	negativo	+	-

Fonte: adaptada pelo autor a partir de Haddad (1989).

Como complemento da análise dos resultados encontrados com o *shift-share*, buscou-se o indicador que permitisse comparar a participação percentual de uma localidade em um agrupamento exclusivo perante a participação percentual na mesma região no total da macrorregião de referência. Para tanto, o QL é indicado por Isard (1972) e Haddad (1989). A sua representação é de acordo com a seguinte equação:

$$LQ = \frac{E_{ij}/E_{tj}}{E_{it}/E_{tt}} \quad (3)$$

Conforme descrito na equação três, o QL, nesta investigação, busca quantificar a concentração e importância das atividades relacionadas com o campo da economia criativa perante o emprego total da região de referência. Portanto, E_{ij} representa o número de pessoas empregadas em atividades relacionadas com o campo da economia criativa na cidade j ; E_{it} retrata o número de pessoas empregadas em todas as atividades na cidade j ; E_{it} expressa o total de pessoas empregadas relacionadas com o campo da economia criativa em todas as cidades de referência; e E_{tt} constitui o total de pessoas empregadas em todas as atividades nas cidades de referência.

Nesta análise, o QL faz a comparação da participação percentual dos agrupamentos de trabalho das atividades criativas consideradas nesta investigação com a participação percentual dos demais postos de trabalho de toda a macrorregião de referência. Nos casos em que o resultado for superior a 1, o local será considerado como especializado em atividades relacionadas com o campo da economia criativa; quando ocorrerem valores inferiores a 1, o agrupamento proposto é tido como não especializado.

Locais de investigação, período e base de dados

Para obter um maior nível de heterogeneidade, o território de referência deste estudo envolve as 27 capitais brasileiras e também as cidades criativas da Unesco Santos (SP) e Paraty (RJ). Para tanto, utilizam-se os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS — MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA, 2023) para os anos de 2011, 2015, 2016 e 2020.

Os períodos escolhidos são estratégicos para identificar e comparar intertemporalmente os efeitos das políticas públicas a partir da criação da Secretaria da Economia Criativa (adjunta ao MINC), com seu plano de gestão de 2011 até 2014, e o período de crises econômica, política e institucional a partir de 2015, com a extinção do MINC e o redirecionamento das políticas públicas específicas para as atividades relacionadas com o campo da economia criativa e culturais em nível nacional que ocorre a partir de 2017. E, no ano de 2020, tem-se como agravante o período de distanciamento social derivado da pandemia da covid-19.

Contudo, todas as estatísticas aplicadas permitem identificar e comparar os períodos, as ocorrências sobre as atividades relacionadas com o campo da economia criativa, bem como comparar os seus resultados, identificando locais de especialização e quais são as atividades com maior estrutura dinâmica para a recuperação da economia criativa para o período pós-pandemia.

As atividades relacionadas com o campo da economia criativa, selecionadas pelo presente estudo, têm por referência a publicação do Observatório P7 Criativo, realizada pela Agência de Desenvolvimento da Indústria Criativa de Minas Gerais (2018), e também o Mapeamento e Análise da Economia Criativa, publicado pelo Observatório do Turismo de Belo Horizonte (2019). Para possibilitar a observação dos resultados, as atividades criativas são agrupadas conforme apresenta o Quadro 1.

Quadro 1. Atividades criativas consideradas e seus respectivos agrupamentos.

Criações funcionais		Mídia		Cultura		Cultura	
Grupo	CNAE	Grupo	CNAE	Grupo	CNAE	Grupo	CNAE
Arquitetura e design	32116	Audiovisual	59111	Gastronomia	56112	Artes visuais	74200
	32124		59120		56121		90027
	62015		59138		56201	Música	32205
	71111		59146		10317		59201
	71197		60217		10325	60101	
	74102		60225		10333	Patrimônio	91015
Moda	74901	77225	Gastronomia	10511	91023		
	15319	94936		10520	91031		
	15327	Edição e impressão	58115	10538			
	15335		58123	10911			
	15394		58131	10929			
	13405		58191	10937			
	14118		58212	10945			
	14126		58221	10953			
	14142		58239	Artes performáticas	90019		
	14223		58298		90035		
Publicidade	73114	63917	Artes performáticas	94936			
	73190			85929			

Fonte: elaborado pelo autor.

CNAE: Classificação Nacional de Atividades Econômicas.

Desse modo, a aplicação dos métodos considera dez grandes grupos econômicos e 61 atividades diferentes. Todas as estatísticas identificadas neste estudo permitem identificar e comparar, em diferentes períodos, quais os agrupamentos das atividades selecionadas possuem as maiores capacidades de promoção da economia criativa antes do período de distanciamento social derivado da pandemia da covid-19 (de 2011 a 2015) e com o impacto da covid-19 (2016 e 2020, ano inicial da pandemia). Todas as informações são extraídas dos microdados da RAIS (MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA, 2023).

RESULTADOS

A investigação sobre a dinâmica das atividades criativas que fazem interface com o turismo, nas capitais brasileiras e cidades criativas da Unesco, inicia-se a partir da observação da taxa de crescimento anual com início no ano de 2011 até 2020, conforme está exposto no Gráfico 1.



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados da RAIS.

Gráfico 1. Taxa de crescimento dos postos de trabalho formais — 2011 a 2020 (capitais e cidades criativas).

A partir dos resultados destacados no Gráfico 1, constata-se que a taxa de crescimento anual das atividades criativas que fazem interface com o turismo é superior à taxa de crescimento do emprego formal até o ano de 2015. A partir do ano de 2016, constatam-se taxas de crescimento negativo em todos os anos observados, sendo agravados a partir do ano de 2018 e, principalmente, quando observamos o último período (2019/2020), o qual sofre o impacto da crise sanitária decorrente da covid-19. Observando os anos de 2017 até 2020, observa-se a ocorrência de crescimento negativo superior nas atividades do agrupamento analisado quando comparado com as demais atividades econômicas.

A partir dessas estatísticas, verificam-se os primeiros indícios das diferentes diretrizes das políticas públicas, em nível federal, adotadas durante os governos Dilma Rousseff (2011–2014, 2015–2016), Michel Temer (2016–2018) e Jair Bolsonaro (2019–2020).

Levando em conta esses resultados, buscou-se observar a dinâmica intrarregional das atividades criativas que se relacionam com o turismo na macrorregião de referência ao longo do período observado. Ao todo, constata-se que mais de 80% dos indivíduos ocupados em atividades consideradas, nesta análise, como criativas concentram-se em dez das 29 cidades observadas, sendo que São Paulo (SP) comporta mais de 30% dos postos de trabalho em todos os períodos observados, seguido por Rio de Janeiro (RJ), com aproximadamente 11%, assim como os resultados encontrados por Ribeiro e Lopes (2015), acrescidos de Belo Horizonte (MG) e Fortaleza (CE) com percentuais acima de 6%.

Apesar do evidente encolhimento dos postos de trabalho do agrupamento criativo desta análise, a partir de 2015, constata-se que, nas principais cidades observadas, não houve mudanças significativas na dinâmica intrarregional percentual, fornecendo indícios da manutenção da representatividade produtiva em cada capital e cidade criativa observada. Essas informações estão destacadas na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição percentual dos postos de trabalhos formais em atividades do agrupamento criativo nas capitais e cidades criativas — 2011 a 2020.

Cidade	2011 (%)	2012 (%)	2015 (%)	2016 (%)	2019 (%)	2020 (%)
São Paulo	33,02	32,71	31,49	31,32	30,87	30,98
Rio de Janeiro	11,22	11,25	11,14	11,33	11,04	11,16
Belo Horizonte	6,76	6,70	6,59	6,62	6,54	6,46
Fortaleza	6,38	6,34	6,32	6,20	5,80	5,79
Brasília	5,36	5,28	5,38	5,38	5,68	5,76
Goiânia	5,20	5,23	5,24	5,20	5,12	5,11
Curitiba	4,75	4,67	4,66	4,65	5,07	5,02
Porto Alegre	3,92	3,90	3,69	3,62	3,57	3,50
Salvador	3,72	3,75	3,76	3,76	3,74	3,64
Recife	2,78	2,95	3,04	3,00	2,85	2,78
Total (%)	83,11	82,78	81,31	81,08	80,28	80,20

Fonte: elaborada pelo autor a partir dos dados da RAIS.

As aplicações desta investigação iniciam-se pelo QL.⁵ Nesta averiguação, foram consideradas todas as atividades do campo da economia criativa que fazem interface com o turismo, como um único grupo, comparando-o com os demais

5 Para evitar falsos positivos, os resultados do QL são acompanhados pela participação relativa (PR). Isto é, valores acima de 1 para o QL devem ser acompanhados por valores condizentes nos resultados obtidos pela PR.

postos de trabalho existentes na economia local. Assim, os resultados acima de um significam que a unidade de análise (cidade observada) é relativamente mais importante, no contexto macrorregional (todas as cidades observadas), considerando todas as atividades criativas, do que, em termos gerais, os demais setores produtivos da economia local.

Perante os resultados expostos na Tabela 3, constata-se que a cidade de Paraty (RJ) é a cidade que obteve os maiores resultados de QL em todos os períodos

Tabela 3. Quociente locacional e participação relativa para atividades criativas que fazem interface com o turismo em 2011, 2015, 2016 e 2020.

Cidade	Primeiro período de análise				Segundo período de análise			
	QL — 2011	PR (%) — 2011	QL — 2015	PR (%) — 2015	QL — 2016	PR (%) — 2016	QL — 2020	PR (%) — 2020
Paraty	2,89	1,96	2,70	2,02	2,86	2,19	2,92	2,11
Goiânia	1,70	1,16	1,68	1,25	1,65	1,27	1,62	1,17
Fortaleza	1,57	1,07	1,47	1,10	1,48	1,14	1,37	0,99
Florianópolis	1,36	0,92	1,34	1,00	1,29	0,99	1,31	0,94
São Paulo	1,24	0,84	1,18	0,88	1,17	0,90	1,14	0,82
Santos	1,20	0,81	1,18	0,88	1,16	0,89	1,20	0,87
Curitiba	1,00	0,68	0,98	0,73	0,97	0,75	1,04	0,75
Porto Alegre	1,00	0,68	0,94	0,70	0,93	0,71	0,96	0,69
Belo Horizonte	0,93	0,63	1,04	0,78	1,04	0,80	0,96	0,69
Vitoria	0,93	0,63	0,95	0,71	0,96	0,74	0,96	0,69
Teresina	0,92	0,62	0,89	0,67	0,89	0,68	0,97	0,70
Natal	0,91	0,62	1,09	0,81	1,05	0,80	0,99	0,72
Brasília	0,88	0,59	0,82	0,61	0,80	0,61	0,83	0,60
Salvador	0,85	0,58	0,90	0,67	0,91	0,70	0,89	0,64
Rio de Janeiro	0,85	0,58	0,85	0,63	0,88	0,68	0,96	0,69
Campo Grande	0,85	0,58	0,97	0,72	0,96	0,74	0,98	0,71
Aracaju	0,83	0,57	0,89	0,66	0,89	0,68	0,97	0,70
Cuiabá	0,83	0,56	0,88	0,66	0,89	0,68	0,92	0,67
Maceió	0,81	0,55	0,97	0,72	0,99	0,76	1,08	0,78
Recife	0,75	0,51	0,82	0,62	0,82	0,63	0,78	0,56
Boa Vista	0,67	0,46	0,77	0,57	0,82	0,63	0,80	0,58
Joao Pessoa	0,66	0,45	0,81	0,61	0,86	0,66	0,95	0,69
Rio Branco	0,66	0,45	0,62	0,46	0,66	0,51	0,63	0,46
Palmas	0,62	0,42	0,65	0,48	0,64	0,49	0,72	0,52
Macapá	0,54	0,37	0,61	0,46	0,55	0,43	0,51	0,37
Porto Velho	0,52	0,35	0,61	0,45	0,61	0,47	0,61	0,44
São Luís	0,47	0,32	0,58	0,44	0,58	0,45	0,57	0,41
Belém	0,46	0,31	0,52	0,39	0,51	0,39	0,49	0,35
Manaus	0,38	0,26	0,44	0,33	0,45	0,34	0,43	0,31

Fonte: elaborada pelo autor a partir dos dados da RAIS.

observados, seguida por Goiânia (GO), Fortaleza (CE), Florianópolis (SC), São Paulo (SP) e Santos (SP). Esse resultado significa que o agrupamento observado nessas cidades assume seu protagonismo na economia local, com excedente na sua capacidade de produção, indicando que as atividades do agrupamento criativo, consideradas nesta análise, na região, são tidas como básicas, ou seja, voltadas para a exportação (ou recepção de turistas, dadas as características produtivas das atividades do campo criativo em cada local de análise).⁶

Constata-se que as cidades de Belo Horizonte (MG) e Natal (RN) somente se sobressaíram como atividades — do agrupamento criativo que se relaciona com o turismo — básicas nos anos de 2015 e 2016, possivelmente beneficiadas pelo decorrer das aplicações das políticas públicas em nível nacional. Os dados notificam que, no ano de 2020, durante a crise sanitária derivada da covid-19, as cidades de Paraty (RJ), Goiânia (GO), Fortaleza (CE), Florianópolis (SC), São Paulo (SP), Santos (SP) e Curitiba (PR) permaneceram com resultados acima de um para o QL, assim como no início do período observado. Ainda nesta análise, evidencia-se a adição da cidade de Maceió, que se destaca como produção básica em atividades do agrupamento criativo.

Deve-se salientar que, assim como destacaram Golgher (2008; 2011) e Machado *et al.* (2013), as atividades relativas à economia criativa no Brasil tendem a se concentrar, principalmente, nas cidades localizadas no Sul e Sudeste, embora, nos resultados encontrados neste estudo, a cidade de Fortaleza (CE) tenha apresentado resultados com $QL > 1$ (Tabela 3), além de ocupar a quarta posição entre as principais cidades consideradas nesta análise (Tabela 2).

É interessante destacar que, embora se observe que as atividades do agrupamento criativo, após o ano de 2015, acumulam crescimentos negativos até o ano de 2020, não se constata indícios de mudanças territoriais na especialização/concentração. Ou seja, com a exceção da cidade de Maceió (AL), que passou a apresentar $QL > 1$, e Porto Alegre (RS), com $QL < 1$, os demais territórios conservaram a mesma estrutura produtiva, em termos de representatividade, na macrorregião de referência, em atividades do agrupamento criativo. Os resultados da aplicação no método *shift-share* iniciam-se a sua apresentação na Tabela 4.

O componente estrutural (motivado por fatores externos — políticas públicas federativas, mecanismos macroeconômicos, crescimento econômico mundial, etc.) da análise *shift-share* demonstra o quantitativo de empregos ligados que uma das localidades consideradas ganha, ou perde, perante a composição dos agrupamentos considerados. O componente diferencial (relacionado a fatores internos — políticas públicas locais, infraestrutura, capital humano, características internas, etc.) é em função da especialização da região de referência em algumas atividades, considerando as vantagens comparativas locais.

Quando se observa o crescimento homotético de toda a região de referência, constata-se que o avanço deveria ser de 11,82% — conforme Tabela 6 no apêndice.

6 Conforme destaca Haddad (1989), as cidades que apresentam resultados com valores inferiores a um, para as atividades criativas, representam que essas atividades são não básicas, ou seja, a produção é voltada para o mercado da própria cidade observada.

Tabela 4. Resultados do *shift-share* para atividades criativas que fazem interface com o turismo — 2011 e 2015.*

Crescimento estrutural e diferencial	Crescimento estrutural superior à queda diferencial	Queda diferencial superior ao crescimento estrutural	Queda estrutural e diferencial
Aracaju	Brasília	Belo Horizonte	São Paulo
Belém	Florianópolis	Curitiba	
Boa Vista	Goiânia	Fortaleza	
Campo Grande	Rio Branco	Porto Alegre	
Cuiabá	Salvador	Rio de Janeiro	
João Pessoa	Teresina	Santos	
Macapá		Vitória	
Maceió			
Manaus			
Natal			
Palmas			
Paraty			
Porto Velho			
Recife			
São Luís			

Fonte: elaborada pelo autor.

*Consta no apêndice maiores detalhes sobre os resultados encontrados.

Neste sentido, verifica-se que 15 dentre as 29 cidades observadas apresentaram crescimento (%) por motivos estruturais e diferenciais. Quando observamos o crescimento estrutural superior ao crescimento diferencial, ou seja, o crescimento em função do crescimento geral da macrorregião de referência, há a ocorrência em seis cidades observadas. Em relação à queda dos atributos diferenciais superior ao crescimento estrutural, ocorre em sete cidades.

Surpreende-nos as quedas estrutural e diferencial que foi relatada na cidade de São Paulo no período de 2011 até 2015. Possivelmente, os resultados obtidos por São Paulo foram motivados pelo baixo impacto percentual ocorrido no período de análise perante os avanços que ocorreram nas outras cidades e capitais observadas.⁷

Ao observar os desdobramentos do *shift-share* com a aplicação proposta por Esteban-Marquillas (1972) para o período de 2011 e 2015, constata-se, no Quadro 2, que, entre todas as atividades relacionadas às criações funcionais, cultura e mídia, a atividade relacionada à gastronomia (cultura) é a que apresenta mais cidades com vantagem competitiva e especializada, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste. Ao observar a região Norte, há o destaque para a cidade de Belém (PA), com vantagem competitiva e especialização em cinco dos dez agrupamentos de atividades do agrupamento criativo considerados nesta análise, sobretudo em atividades relacionadas à cultura.

7 Os resultados com maiores detalhamentos encontram-se na Tabela 6 do Apêndice.

Quadro 2. Desdobramento Esteban-Marquillas (1972) — 2011 e 2015.

UF	Cidade	Criações funcionais			Cultura				Mídia		
		Arquitetura e design	Moda	Publicidade	Artes performáticas	Artes visuais	Patrimônio	Gastronomia	Audiovisual	Edição e editorial	Música
Norte											
PA	Belém	1		3	3	1	1	1	1		3
RR	Boa Vista	2			3	2		1	1		3
AP	Macapá	2			3			1	3		3
AM	Manaus	1	2	3	2	2	3	1	1	1	2
TO	Palmas	2		1	3	3		1		3	3
RO	Porto Velho	3	2	2	2	3	3	3	1	2	1
AC	Rio Branco			2	2	3	3	3	3	1	1
Nordeste											
MA	São Luís	2		1	2	2	3	1	1	3	3
PI	Teresina	2	3	2	2	3	3	2	2		2
CE	Fortaleza	2	3	2	2	2	2	2		2	2
RN	Natal	3	2	1	2	1		1			3
PB	João Pessoa	2	2	1	2	1	2	1		2	3
PE	Recife	2		3	3	2	3	1		3	3
AL	Maceió	2		2	2	1	2	1	2	2	1
SE	Aracaju	1		1	3	1	1	1	2	3	1
BA	Salvador	3		2				3	2	3	3
Centro-Oeste											
MS	Campo Grande	3	2	1	1	3		1	1	3	3
MT	Cuiabá	2		2	2	2		2		2	2
DF	Brasília	3	2	3	3	3	3	3		2	
GO	Goiânia	2	1		2	2		2		2	2
Sudeste											
MG	Belo Horizonte	3		3		1	3	3			
RJ	Rio de Janeiro	1		3	3	2	1	3	1	1	
RJ	Paraty				3			1	3		3
SP	São Paulo	1	2	3	2	3	1	3	3	1	1
SP	Santos	1	1	1	1	1	1		3		3
ES	Vitoria	1		3	3	1	2	3			1
Sul											
PR	Curitiba	1		2		1	1	3	3	2	
SC	Florianópolis	3		3	1	3	1	3	3	3	3
RS	Porto Alegre	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Tipologia: 1 (verde) — vantagem competitiva, especializado; 2 (azul) — vantagem competitiva, não especializado; 3 (vermelho) — desvantagem competitiva, especializado; espaço em branco — desvantagem competitiva, não especializado.

Já as atividades relacionadas ao patrimônio e à arquitetura (criações funcionais) apresentaram vantagem competitiva e especialização nas cidades observadas nas regiões Sul e Sudeste. Embora não seja uma cidade criativa reconhecida pela Unesco, constata-se que a cidade de Porto Alegre (RS), na região Sul, comporta todos os grupos de atividades criativas observados como vantagem competitiva e especializado, com exceção do agrupamento de moda (criações funcionais) com vantagem competitiva, não especializado.

Na região Centro-Oeste, verifica-se em evidência a cidade de Campo Grande (MS), com vantagem competitiva e especialização para as atividades relacionadas às publicidades (criações funcionais), artes performáticas (cultura), gastronomia (cultura) e audiovisual (mídia). Nota-se que, na cidade de Cuiabá (MT), ocorre vantagem competitiva, embora não especializada, em sete agrupamentos criativos, sobretudo em atividades relacionadas à cultura.

A partir dos resultados encontrados até o momento, avançamos para o comparativo entre períodos ao analisarmos os resultados da análise *shift-share* para os anos de 2016 a 2020. Os resultados destacados na Tabela 5 representam um

Tabela 5. Resultados do *shift-share* para as atividades criativas que fazem interface com o turismo — 2016 a 2020.

Crescimento estrutural e diferencial	Crescimento estrutural superior à queda diferencial	Queda diferencial superior ao crescimento estrutural	Queda estrutural e diferencial
Aracaju	Manaus	Belém	Fortaleza
Boa Vista	Rio Branco	Belo Horizonte	
Brasília	Teresina	Goiânia	
Campo Grande	Vitoria	Macapá	
Cuiabá		Natal	
Curitiba		Porto Alegre	
Florianópolis		Porto Velho	
Joao Pessoa		Recife	
Maceió		Rio de Janeiro	
Palmas		Salvador	
Paraty		São Paulo	
Santos			
São Luís			

Fonte: elaborada pelo autor.

momento de diversas turbulências no Brasil, desde o âmbito institucional e a crise econômica, os quais acumularam intercorrências no campo do trabalho, além das mudanças de direções políticas ocorridas durante o período de 2016 a 2020 (conforme destaca o Gráfico 1).⁸

⁸ Deve-se destacar que, no ano de 2020, ocorre o período de distanciamento social derivado da covid-19, cujos efeitos são evidentes em nível global.

Em consequência das intempéries do período 2016–2020, observa-se que o quantitativo geral das atividades do campo criativo nas cidades observadas sofreu impactos superiores aos observados em outras atividades (Gráfico 1). Dentro do ambiente de crise, agravado a partir dos anos de 2017 e 2018, o crescimento homotético dado pelo computo do *shif-share* para as atividades desta análise foi de -9,14%. Perante o cenário encontrado no período, somente as cidades de Paraty (RJ), Palmas (TO) e João Pessoa (PB) apresentaram taxas de crescimento positivas.

Na Tabela 5, constata-se que o encolhimento das atividades observadas no período foi menor do que o esperado em cidades que foram classificadas como crescimento estrutural e diferencial. Nas demais cidades em que ocorre o crescimento estrutural, superior à queda diferencial, também se constata o encolhimento das atividades do campo criativo com taxas inferiores ao encolhimento homotético resultante do período observado. Neste sentido, os motivos estruturais foram responsáveis pelos impactos não tão profundos quanto nas demais localidades.⁹

Ainda observando a Tabela 5, ao observar as cidades que se classificaram como queda diferencial superior ao crescimento estrutural, identifica-se que o percentual de encolhimento constatado nas atividades do campo criativo foi superior ao encolhimento homotético no espaço de tempo analisado. Dentre todas as localidades observadas, entre 2016 e 2020, constata-se que a cidade de Fortaleza (CE) passou a apresentar queda estrutural e diferencial, ou seja, ocorre o encolhimento das atividades observadas maior do que o encolhimento homotético constatado no período, por motivos estruturais e diferenciais.

Observando os resultados encontrados no desdobramento do método *shift-share* de Esteban-Marquillas (1972), ainda no período de 2016 a 2020, comparando com o período anterior de 2011 a 2015, constata-se que a gastronomia ainda é o principal conjunto de atividades com vantagem comparativa e especialização, ocorrendo em 13 das 29 localidades observadas. Esses resultados permanecem proeminentes, sobretudo, na região Nordeste.

Em relação às criações funcionais, percebe-se que, ainda na região Nordeste, exceto na cidade de Salvador (BA), todas as cidades observadas na região apresentam resultados com vantagens competitivas, embora não especializadas, para atividades relacionadas à arquitetura e *design*. Ainda observando os resultados com vantagens competitivas, especializados e não especializados, constata-se que a maior parte das cidades observadas, com exceção das cidades da região Sul, apresentam resultados nessas categorias (1 e 2).

Na conjuntura observada no período de 2016 a 2020, tem-se como destaque as cidades de Porto Alegre (RS), região Sul; São Paulo (SP), região Sudeste; Campo Grande (MS), região Centro-Oeste; Teresina (PI), São Luiz (MA) e Maceió (AL), região Nordeste, com vantagens competitivas, especializadas e não especializadas, nos diferentes agrupamentos de atividades do campo criativo consideradas nesta análise.

9 Os resultados mais detalhados estão expostos na Tabela 7 do Apêndice.

Contudo, os resultados encontrados no Quadro 3 destacam os principais indícios da recuperação das atividades do campo criativo em seus diferentes agrupamentos. As cidades que apresentam a maior parte dos agrupamentos como desvantagem competitiva, embora especializado (3 – vermelho), como Florianópolis (SC), na região Sul; Belo Horizonte (MG) e Rio de Janeiro (RJ), na região Sudeste; e Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC), na região Norte apresentam potenciais de recuperação econômica, em atividades do campo criativo, nos agrupamentos de criações funcionais, cultura e mídia.

Sabe-se que parte do declínio competitivo e de especialização das atividades do campo criativo observadas nesta análise se deu, em parte, pelo período de distanciamento social derivado da covid-19. Este estudo, então, lança o foco para os agrupamentos com potencial de desenvolvimento local, cujos resultados obtiveram algum tipo de vantagem, competitiva ou especialização em algum agrupamento criativo, tanto no período contemporâneo de 2016 a 2020 quanto no contexto histórico recente de 2011 a 2015, no qual as taxas de crescimento das atividades do campo criativo foram constatadas com positivas e em expansão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta investigação permitiu compreender a relação das atividades do campo criativo que fazem interface com o turismo, nas capitais brasileiras e cidades criativas reconhecidas pela Unesco, gerando subsídios para o acompanhamento e reflexões, indicando alternativas de retomada do crescimento dessas atividades em cada localidade a partir das suas potencialidades.

Esta pesquisa parte da construção desenvolvida por Golgher (2008; 2011), Machado *et al.* (2013), Ribeiro *et al.* (2014), Ribeiro e Lopes (2015), Melo e Paiva (2016), os quais, considerando a realidade brasileira, fornecem direcionamentos para novas investigações assertivas sobre as atividades criativas, os *clusters* e seus territórios.

A delimitação do que se entende por atividades do campo criativo (organizado pelos códigos da CNAE), bem como os seus agrupamentos, tem por base os estudos realizados pelo Observatório P7 Criativo (chancelado pela Fundação João Pinheiro — AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA CRIATIVA DE MINAS GERAIS, 2018), o qual fornece informações e diretrizes para a compreensão da economia criativa do estado de Minas Gerais, bem com a sua conjuntura econômica e também os estudos realizados e monitorados pelo Observatório do Turismo de Belo Horizonte (2019).

Ao iniciarmos os estudos, foi possível constatar a expansão das atividades criativas, com taxas superiores às encontradas nas atividades convencionais até a crise econômica de 2015. A partir de 2016, observa-se que as taxas de encolhimento das atividades criativas que se relacionam com o turismo foram superiores às encontradas nas demais atividades econômicas. Esses movimentos foram agravados a partir de 2018, momento em que ocorrem mudanças abruptas nas diretrizes das políticas públicas que envolvem as economias da cultura e criativa. Constata-se, neste estudo,

Quadro 3. Desdobramento Esteban-Marquillas (1972) — 2016 a 2020.

UF Cidade		Criações Funcionais			Cultura				Mídia		
		Arquitetura e design	Moda	Publicidade	Artes performáticas	Artes visuais	Patrimônio	Gastronomia	Audiovisual	Edição e editorial	Música
Norte											
PA	Belém	3		3	2	1		3	3	2	1
RR	Boa Vista	2	2	2	2	3		1	3		3
AP	Macapá	3	3	2	2	3					
AM	Manaus	1		2		2		3	1	2	1
TO	Palmas	1	2	1	3	2		1	1	2	2
RO	Porto Velho	2			2	3	3	3	2	3	1
AC	Rio Branco		2	3	2		3	3	1	3	2
Nordeste											
MA	São Luís	2	2	1	1	3	2	1	3	2	2
PI	Teresina	2	1		2		2	1	2	2	2
CE	Fortaleza	2	3	2	2						
RN	Natal	2		3	2	3	2	3	2		2
PB	João Pessoa	2	2	3	2	1		1	2	2	3
PE	Recife	2		1		2	2	3			3
AL	Maceió	2	2	2		1	2	1		2	2
SE	Aracaju	2	2	1	2	3	1	1	3		3
BA	Salvador			1	3		1	3	2		2
Centro-Oeste											
MS	Campo Grande	2	2	1	1	1		1	1		3
MT	Cuiabá		1	2	2	2		2		2	
DF	Brasília			2	2	3	2	1	2	2	
GO	Goiânia	3	1	2	2	2	3	2	3	2	3
Sudeste											
MG	Belo Horizonte	3		3	1	3	3	3			
RJ	Rio de Janeiro	3			3	2	1	3	3	3	2
RJ	Paraty				2			1		2	3
SP	São Paulo	1	2	2	1	2	3	1		3	1
SP	Santos		2	2	2	2	3	3	3		
ES	Vitoria	1		3	1	3	2	3		2	1
Sul											
PR	Curitiba	3	2		2	3	3	1		2	2
SC	Florianópolis	3		3	3	1	3	3	3	3	1
RS	Porto Alegre	1	2	1	3	2	1	1		1	

Fonte: elaborado pelo autor.

Tipologia: 1 (verde) — vantagem competitiva, especializado; 2 (azul) — vantagem competitiva, não especializado; 3 (vermelho) — desvantagem competitiva, especializado; espaço em branco — desvantagem competitiva, não especializado.

o agravamento da conjuntura relativa às atividades criativas no período de distanciamento social derivado da covid-19.

Os resultados das aplicações do QL enfatizam a concentração das atividades do campo criativo em cidades das regiões Sul e Sudeste, embora a cidade de Fortaleza (CE) apresente resultados para o $QL > 1$, sendo a principal cidade do Nordeste com maiores níveis de concentração do grupo de atividades de interesse.

Embora os resultados, ao longo do período observado, sinalizem que as atividades relacionadas com a economia criativa apresentaram taxas de crescimento negativas, principalmente após 2019, os resultados do QL dão indícios de que não houve uma reestruturação em nível espacial. Ou seja, as estruturas produtivas existentes em cada local de análise, embora diminuídas nos últimos anos de análise, permanecem com as mesmas hierarquias de concentração, sendo Paraty (RJ), Goiânia (GO), Fortaleza (CE), Florianópolis (SC), São Paulo (SP) e Santos (SP) aquelas nas quais as atividades observadas permanecem representativas em todos os períodos observados.

A partir desses indícios, observa-se, na análise *shift-share*, para o primeiro período observado (2011 a 2015), que o crescimento homotético seria de 11,82%. Ao todo, as cidades de Rio de Janeiro (RJ), Fortaleza (CE), Curitiba (PR), Santos (SP), Belo Horizonte (MG), Vitória (ES) e Porto Alegre (RS) apresentaram resultados com queda estrutural superior ao crescimento estrutural e São Paulo (SP) com queda diferencial e estrutural. Os desdobramentos de Esteban-Marquillas (1972) destacam que as atividades relacionadas com a gastronomia assumem vantagem competitiva e especialização, na maior parte das cidades observadas, principalmente nas regiões Norte e Nordeste.

Quando analisamos os resultados do *shift-share*, para o período de 2016 a 2020, constatamos resultados que atestam o encolhimento das atividades criativas observadas nesta investigação. O crescimento homotético apresentou a taxa variação em -9,14%. Somente as cidades de Paraty (RJ), Palmas (TO) e João Pessoa (PE) apresentaram taxas positivas de crescimento total, sendo elas motivadas por motivos estruturais e diferenciais.

O resultado dos desdobramentos de Esteban-Marquillas (1972) aponta que a gastronomia, ainda que tenha apresentado resultados de desvantagens competitivas, embora, especializado, na maior parte das localidades, permanece em destaque como um dos principais agrupamentos da economia criativa considerados nesta análise. Ademais, constata-se que as artes performáticas, arquitetura e *design*, edição e editorial são os agrupamentos que apresentam vantagens competitivas, embora não especializados, em parte dos territórios observados.

Dentre todos os resultados deste estudo, tem-se a expectativa, a partir da compreensão das potencialidades das atividades do campo criativo em cada localidade explorada, que essas informações possam gerar subsídios para a reorganização da economia criativa, reestruturação de políticas públicas e direcionamentos específicos para o melhor aproveitamento das capacidades produtivas da economia criativa local.

Embora os dados da RAIS (MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA, 2023) sejam os mais recentes e abrangentes com capacidade de observar as atividades criativas em todas as cidades brasileiras, constam somente as atividades com registro formal de trabalho, o que pode ser um fator limitante para este estudo. Neste sentido, tem-se, por hipótese, que o volume das atividades observadas seja superior aos retratados pelos dados da RAIS (MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA, 2023), ainda que sejam postos de empreendimentos e trabalhos precários. Portanto, é importante que as políticas públicas direcionadas para a retomada do crescimento da economia criativa levem em consideração as evidências apresentadas neste estudo, sem desconsiderar os aspectos da informalidade.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA CRIATIVA DE MINAS GERAIS. OBSERVATÓRIO P7 CRIATIVO. **Radar economia criativa em Minas Gerais**. Volume 1, 2018. Disponível em: https://fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/24.8_Radar_arquivo_final.pdf. Acesso em: 8 abr. 2022.
- ASHTON, M. S. G. Cidades Criativas: análise reflexiva das relações com o Turismo. In: SCHREIBER, D. (org.). **Inovação e aprendizagem organizacional**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 230-245.
- BILLE, T.; SCHULZE, G. Culture in urban and regional development. In: GINSBURGH, V. A.; THROSBY, D. (ed.). **Handbook of the Economics of Art and Culture**. Volume 1. North Holland: Elsevier, 2006. p. 1051-1099.
- CWI, D. Public support of the arts: three arguments examined. **Journal of Cultural Economics**, v. 4, n. 2, p. 39-62, 1980.
- ESTEBAN-MAQUILLAS J. M. Shift and share analysis revisited. **Regional and Urban Economics**, North-Holland, v. 2, n. 3, p. 249-261, 1972. [https://doi.org/10.1016/0034-3331\(72\)90033-4](https://doi.org/10.1016/0034-3331(72)90033-4)
- FLORIDA, R. **Cities and the creative class**. New York: Routledge, 2005.
- GOLGHER, A. B. A distribuição de indivíduos qualificados nas regiões metropolitanas brasileiras: a influência do entretenimento e da diversidade populacional. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 109-134, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-63512011000100004>
- GOLGHER, A. B. As cidades e a classe criativa no Brasil: diferenças espaciais na distribuição de indivíduos qualificados nos municípios brasileiros. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 109-129, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982008000100007>
- HADDAD, P. R. (org.). **Economia regional: Teorias e métodos de análise**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; ETENE, 1989.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico de 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- ISARD, W. **Méthodes d'analyse régionale: une introduction à la science régionale**. Paris: Dunod, 1972.
- LAZZERETTI, L.; BOIX, R.; CAPONE, F. Why do creative industries cluster? In: LAZZERETTI, L. (ed.). **Creative Industries and Innovation in Europe: Concepts, Measures and Comparative Case Studies**. Nova Iorque: Routledge, 2013. p. 45-64.
- MACHADO, A. F.; SIMÕES, R. F.; DINIZ, S. C. Urban amenities and the development of creative clusters: the case of Brazil. **Current Urban Studies**, v. 1, n. 4, p. 92-101, 2013. <https://doi.org/10.4236/cus.2013.14010>
- MARKUSEN, A.; GADWA, A. Arts and culture in urban or regional planning: a review and research agenda. **Journal of Planning Education and Research**, v. 29, n. 3, p. 379-391, 2010. <https://doi.org/10.1177/0739456X09354380>

MELO, G. B. V.; PAIVA, G. L. Desenvolvimento e potencial de clusters criativos para as cidades médias brasileiras. *Nova Economia*, v. 26, p. 1287-1316, 2016. <https://doi.org/10.1590/0103-6351/3953>

MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL (MINC). **Plano da Secretaria da Economia Criativa: Políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014**. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/>. Acesso em: 3 maio 2023.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO DE BELO HORIZONTE. **Economia Criativa BH: Mapeamento e Análises**. Belo Horizonte: BELOTUR, 2019. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/belotur/economia-criativa-bh-2019.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2022.

PERLOFF, H. S. Using the arts to improve life in the city. *Journal of Cultural Economics*, v. 3, n. 2, p. 1-21, 1979.

RIBEIRO, L. C. S. NAHAS, M. M. P. L. P.; SIMÕES, R. F.; AMARAL, P. V. M. Distribuição espacial da indústria do lazer no Brasil. **Texto para Discussão**, UFMG/CEDEPLAR, n. 507, 2014.

RIBEIRO, L. C. S.; LOPES, T. H. C. R. Características e similaridades do setor cultural nos municípios e regiões metropolitanas brasileiras. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 307-330, 2015. <https://doi.org/10.1590/198055271926>

RICHARDS, G. Creativity and tourism: The state of the art. **Annals of tourism research**, v. 38, n. 4, p. 1225-1253, 2011. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.07.008>

United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). **Creative Economy Report 2008**. Geneve & Nova York, United Nations, 2008. Disponível em: <http://stats.unctad.org/Creative/tableviewer/document.aspx?FileId=125>. Acesso em: 27 abr. 2023.

Sobre o autor

Jonas da Silva Henrique: Doutor em Economia aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Teoria Econômica na Faculdade de Ciências Econômicas (FACE / UFMG). Assessor na Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte (BELOTUR).

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento:** nenhuma.

APÊNDICE

Tabela 6. Resultados gerais do *shift-share* entre 2011 e 2015.

Território	Total (%)	Regional (%)	Estrutural (+/-)	Diferencial (+/-)	Descrição
Porto Velho	17,68	11,82	5,11	0,75	CED
Rio Branco	12,27	11,82	4,03	-3,58	CESQD
Manaus	29,38	11,82	4,83	12,73	CED
Boa Vista	30,87	11,82	4,88	14,17	CED
Belém	22,38	11,82	4,26	6,30	CED
Macapá	27,68	11,82	4,00	11,02	CED
Palmas	37,06	11,82	3,73	21,51	CED
São Luís	34,60	11,82	3,61	19,17	CED
Teresina	21,45	11,82	-0,89	10,52	QDSCE
Fortaleza	10,61	11,82	-7,10	5,89	CESQD
Natal	24,53	11,82	3,27	9,43	CED
Joao Pessoa	40,88	11,82	3,47	25,58	CED
Recife	22,16	11,82	3,18	7,16	CED
Maceió	41,83	11,82	4,94	25,07	CED
Aracaju	18,90	11,82	3,63	3,45	CED
Salvador	13,07	11,82	3,72	-2,47	CESQD
Belo Horizonte	9,07	11,82	1,37	-4,12	QDSCE
Vitoria	7,41	11,82	4,03	-8,45	QDSCE
Paraty	30,89	11,82	7,57	7,44	CED
Rio de Janeiro	11,00	11,82	2,25	-3,07	QDSCE
Santos	9,34	11,82	5,39	-7,88	QDSCE
São Paulo	6,64	11,82	-2,90	-2,28	QED
Curitiba	9,60	11,82	3,22	-5,45	QDSCE
Florianópolis	14,41	11,82	4,56	-1,97	CESQD
Porto Alegre	5,17	11,82	2,78	-9,43	QDSCE
Campo Grande	29,73	11,82	2,73	15,18	CED
Cuiabá	25,45	11,82	3,76	9,87	CED
Goiânia	12,77	11,82	-6,28	7,23	QDSCE
Brasília	12,40	11,82	5,06	-4,48	CESQD

Fonte: elaborada pelo autor.

Crescimento diferencial superior à queda estrutural (CDSQE); crescimento estrutural e diferencial (CED); crescimento estrutural superior à queda diferencial (CESQD); queda diferencial superior ao crescimento estrutural (QDSCE); queda estrutural e diferencial (QED); queda estrutural superior ao crescimento diferencial (QESCD).

Tabela 7. Resultados gerais do *shift-share* entre 2016 e 2020. Tabela 7. Resultados gerais do *shift-share* entre 2016 e 2020.

Território	Total (%)	Regional (%)	Estrutural (+/-)	Diferencial (+/-)	Descrição
Porto Velho	-11,04	-9,14	2,45	-4,35	QDSCE
Rio Branco	-8,58	-9,14	1,62	-1,06	CESQD
Manaus	-7,50	-9,14	2,64	-1,05	CESQD
Boa Vista	-1,50	-9,14	2,23	5,41	CED
Belém	-12,30	-9,14	2,33	-5,49	QDSCE
Macapá	-15,32	-9,14	2,13	-8,53	QDSCE
Palmas	1,90	-9,14	3,06	7,98	CED
São Luís	-3,87	-9,14	1,84	3,44	CED
Teresina	-2,64	-9,14	-0,04	6,55	CDSQE
Fortaleza	-15,12	-9,14	-3,80	-2,18	QED
Natal	-16,59	-9,14	1,30	-8,74	QDSCE
Joao Pessoa	1,26	-9,14	1,95	8,46	CED
Recife	-16,00	-9,14	1,97	-8,82	QDSCE
Maceió	-1,28	-9,14	2,16	5,70	CED
Aracaju	-1,41	-9,14	2,55	5,18	CED
Salvador	-11,97	-9,14	1,85	-4,68	QDSCE
Belo Horizonte	-11,38	-9,14	1,14	-3,37	QDSCE
Vitoria	-7,58	-9,14	1,94	-0,38	CESQD
Paraty	6,75	-9,14	3,16	12,73	CED
Rio de Janeiro	-10,54	-9,14	0,99	-2,39	QDSCE
Santos	-6,44	-9,14	2,45	0,25	CED
São Paulo	-10,11	-9,14	-1,67	0,71	QESCD
Curitiba	-1,85	-9,14	1,49	5,80	CED
Florianópolis	-1,32	-9,14	2,53	5,30	CED
Porto Alegre	-12,16	-9,14	1,44	-4,46	QDSCE
Campo Grande	-1,49	-9,14	1,76	5,90	CED
Cuiabá	-0,25	-9,14	2,56	6,34	CED
Goiânia	-10,69	-9,14	-3,76	2,21	QESCD
Brasília	-2,76	-9,14	2,50	3,88	CED

Fonte: elaborada pelo autor.

Crescimento diferencial superior à queda estrutural (CDSQE); crescimento estrutural e diferencial (CED); crescimento estrutural superior à queda diferencial (CESQD); queda diferencial superior ao crescimento estrutural (QDSCE); queda estrutural e diferencial (QED); queda estrutural superior ao crescimento diferencial (QESCD).

